

Cidarte contemporânea.

Tamiris Vaz*

Hoje anoiteceu mais cedo, parece que vai chover. Poderia correr para chegar em casa em tempo de não me molhar. Corro meio quarteirão pensando onde devo ter deixado meu guarda-chuva. Faz tanto tempo que não chove na segura desse Cerrado...

Primeiro chega o cheiro da terra. É estranho sentir cheiro de terra quando se anda no asfalto. É como sentir cheiro de flores quando se olha uma fotografia de jardim. Verdade ou ilusão, o prazer desse odor me afeta.

A chuva começa. Desisto de correr. Esforço inútil. Reduzo o passo e observo as gotículas de água escorrendo sobre meus óculos, embaçando minha visão. Por que mesmo essa preocupação automatizada de não poder me molhar?

São 4 da tarde, mas as luzes dos postes já estão acesas, os faróis dos carros também. Caminho devagar me divertindo com as imagens deformadas que se deslocam pelas inúmeras lentes que se formam sobre meus óculos molhados. Penso que deveria tirá-los para ver melhor. Ver melhor. Estranho termo. Quando foi que introjetei essa hierarquia avaliativa da visão? Essas imagens, lindas, múltiplas, moventes, escorregadias, me parecem agora muito mais condizentes com a realidade de meu mundo nesse momento. Cubismo em 3 dimensões.

* Professora Doutora da [Universidade Federal de Uberlândia](http://www.ufu.br), MG, Brasil.

E-mail: tamirisvaz@gmail.com



Passo devagar por uma calçada de tijolos escorregadia. Quem escolhe colocar tijolos em uma passagem de pedestres certamente não caminha pelas ruas em dia de chuva. Ou talvez se divirta espiando pessoas a esquiatar e cair sobre a calçada. Talvez deseje proporcionar aos passantes a experiência lúdica de deslizar equilibrando-se como quem aprende a andar de patins. Intrigante e perigosa proposta de arte contemporânea exigindo atenção ao corpo, aos movimentos, às texturas da superfície, imergindo nas luzes vermelhas que permitem ‘ver melhor’ a cidade em trânsito.

Um grupo de crianças me ultrapassa correndo pela rua. Uma delas, com chinelos de dedo, pula em uma poça e faz respingos de água morna caírem sobre mim. Ela nem me vê, tamanha concentração na performance que realiza. Já estou encharcada, imersa nas sensações amplificadas pela visão embaçada.

Paro sob a aba de um telhado. Já não tenho intenção de me refugiar, mas me interessa a experiência de estar espectadora, ouvindo, vendo, sentindo o que acontece na rua quando a chuva protagoniza a cena. De dentro da casa, uma senhora espia pela janela e exclama: - Eita, que tempo feio!

Veja só, ela também é espectadora! E parece não ter apreciado a obra. Ou teria sido um elogio? Algo como: - Uau! Que bela expressão de feiura! Isso porque ela não leu a placa que dizia ‘em obras’, não sentiu o frescor realçado pelos respingos mornos da poça de uma tela em processo.

Avisto uma pessoa vindo de encontro a mim. Parece sorrir, mas não consigo reconhecê-la. Tiro os óculos, os esfrego em minha camiseta molhada, só piora. Ao se aproximar ela diz: - Menina, só te encontro em situações inusitadas. Respondo: - Pois é, a vida é cheia delas. Resposta neutra para alguém que ainda não reconheço. A chuva se intensifica e ela corre. Um dia saberei de quem se trata. Hoje não importa, não preciso saber de tudo. Decido correr também.

Penso em quantas vezes já fugi da chuva, já desviei das poças, já limpei obsessivamente os óculos até que não restasse nem um resquício de marcas que deturpassem minha visão. Dessa vez não. As gotas que rebatem em meu corpo parecem criar um ritmo de sons, formas e movimentos.

De repente entendo. Já não sou espectadora, tornei-me parte da matéria de uma arte cidade.

